

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Bastien Stil direção musical
Christel Loetzsch meio-soprano

15 jun 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MEGENAS CASA DA MÚSICA





Entrevista a Bastien Stil

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Joly Braga Santos

Sinfonia n.º 2 em Si menor, op. 13 (1948; c. 46min)

1. Largo — Allegro energico ed appassionato
2. Adagio non troppo
3. Allegretto pastorale
4. Lento — Allegro (doppio movimento) —
Epílogo

2ª PARTE

Pascal Dusapin

Wenn du dem Wind..., para soprano e orquestra (2014; c. 20min)*

(Três cenas da ópera *Penthesilea*, segundo a tragédia de Heinrich von Kleist)

1. Sei ruhig, meine Königin
2. Triumph? Von wegen!
3. Hetzt Hunde auf ihn!

*Textos originais e traduções nas páginas 6 a 9.

Joly Braga Santos

LISBOA, 1924 – LISBOA, 1988

Sinfonia n.º 2 em Si menor, op. 13

Joly Braga Santos alcançou um lugar destacado na história da música em Portugal sobretudo devido ao grande fôlego da sua produção sinfónica. Não obstante, a relevância da sua actividade neste domínio, representativa de todo o seu percurso estilístico, não obscurece a importância da produção noutros domínios, como a música de câmara, a ópera e a música coral. Em 1936 foi admitido no Conservatório Nacional, em Lisboa, onde então iniciou os estudos de violino e piano, e mais tarde, em 1941, o curso superior de Composição. Mas o ponto de referência fundamental para o jovem Joly foi, sem dúvida, o modelo de Luís de Freitas Branco (1890-1955), figura que lhe ensinou ciências musicais e composição a título particular (em paralelo à frequência do Conservatório), e com quem desenvolveu os elementos essenciais de uma robusta formação de compositor, tornando-se inclusivamente o seu mais estimado discípulo. Posteriormente complementou a sua formação no estrangeiro: estudou direcção de orquestra com Hermann Scherchen em Veneza (1948) e na Suíça (1957-58), e composição com Virgilio Mortari em Roma (1959-61).

No seu percurso criativo — e em particular ao longo das suas seis sinfonias, compostas entre 1947 e 1972, entre outra música orquestral — é possível reconhecer três períodos estilísticos, nos quais levou ao extremo os preceitos absorvidos de Freitas Branco. Assim, após uma primeira fase marcada por uma orientação neoclássica, tendencialmente modalista, embarcou, a partir de finais da década de 50, num processo de renovação estilística que o

levaria a integrar elementos desenvolvidos por idiomas mais “vanguardistas”. Observa-se ainda uma última fase na sua produção, marcada por um certo espírito de síntese, com alguns exemplos na década de 70, mas sobretudo na década de 80.

Braga Santos compôs as primeiras quatro sinfonias entre os 22 e os 27 anos, enquadrando-se estas, portanto, no seu primeiro período estilístico, antes dos estudos com Scherchen e Mortari. Os primeiros esboços daquela que seria a Sinfonia n.º 2 em Si menor, op. 13, datam ainda de 1944 (sendo anteriores ao trabalho na Sinfonia n.º 1), mas o compositor deixou então a obra de parte, concentrando-se nela mais tarde, entre 1947 e 1948, ano em que foi apresentada em primeira audição, a 15 de Fevereiro, no Teatro de São Carlos, pelos seus dedicatários: o maestro Pedro de Freitas Branco e a Orquestra Sinfónica Nacional. Esta sinfonia tem em comum com as restantes do grupo inicial o facto de ter sido concebida a partir do preceito franckiano, herdado via Freitas Branco, de arquitectar toda uma obra a partir de uma célula musical primordial, mas distingue-se das restantes por ser talvez a menos madura na sua concepção. Estilisticamente, a sua linguagem modal, de um melodismo exuberante, sempre refreada no uso da dissonância e na cedência à complexidade rítmica (típicos do pós-guerra), aproxima-se do modelo de Vaughan Williams e William Walton, referências do sinfonismo inglês contemporâneo.

O primeiro andamento abre com uma breve introdução, “Largo”, em que uma trompa a solo enuncia um motivo que assume importância estrutural ao longo da obra, e o “Allegro energico ed appassionato” que se segue está concebido como uma forma sonata com algumas modificações. Num contexto de grande vigor rítmico, o primeiro tema surge nas

quatro trompas, com um perfil muito semelhante àquele apresentado na introdução, e após uma passagem modulante de transição aparece um segundo tema, em Mi menor, que consiste num emaranhado de melodias envolvendo o oboé, os primeiros violinos e os violoncelos. Segue-se uma ampla secção de desenvolvimento, em que a música se torna mais emotiva, e na reexposição os temas principais são inesperadamente recuperados na ordem inversa.

O segundo andamento, “Adagio non troppo”, adopta a tradicional forma ternária (ABA), e nele se destaca, desde o início, uma melodia lírica e nostálgica, primeiramente apresentada pela flauta e depois tomada por toda a orquestra. Na secção central, suportada por um longo *ostinato* dos tímpanos, emerge mais uma textura contrapontística bastante intrincada em que o compositor elabora um conjunto de temas, de entre os quais o dos violinos introduz numa nova célula que estará na origem de outros momentos da obra. Após um ponto culminante, a secção inicial regressa abreviada, apenas com a orquestra, dando então lugar a uma surpreendente coda, com a sua atmosfera etérea, em que solos de metais e tímpanos ressoam limpidamente o tema principal.

Segue-se, no lugar do expectável *scherzo*, um “Allegro pastorale”, em compasso binário. Este decorre numa atmosfera sempre aprazível, sendo baseado numa simples e atraente melodia bucólica que é ouvida tanto nos violinos como nas madeiras (destaca-se o papel melódico do oboé), sobre o movimento contínuo das outras cordas, marcadas pelos *pizzicati* dos contrabaixos. O compositor introduz ainda, em duas ocasiões, episódios de carácter contrastante, mas isso nunca quebra realmente o ambiente campestre predominante. Este terceiro andamento tornou-se de facto

muito popular desde a estreia da sinfonia, tendo ganho existência autónoma enquanto peça de concerto.

Por fim, o quarto andamento abre com uma breve introdução, “Lento”, em que um tema expressivo é apresentado pelos contrabaixos e elaborado pelas restantes cordas, antes de surgir nas madeiras. Inicia-se então um vigoroso “Allegro”, dominado por ritmos enérgicos, que conduz a um momento mais nostálgico num tempo mais moderado, “Meno mosso”, protagonizado pelas cordas. Quando o corne inglês recorda o tema que abria o primeiro andamento, começa um jocoso *fugato* em que intervêm as cordas e as madeiras, “Allegro molto energico”, ao qual sucede um outro, mais solene, que coloca os metais em destaque. Subitamente, depois de uma cesura inesperada, uma meditativa cadência do clarinete lança um Epílogo lento, em que uma afectuosa ideia melódica gradualmente se alarga a toda a orquestra na construção de um final majestoso.

Pascal Dusapin

NANCY (FRANÇA), 1955

Wenn du dem Wind..., para soprano e orquestra

Pascal Dusapin é sem dúvida um dos compositores mais bem-sucedidos no panorama da música contemporânea. Natural de Nancy, realizou a sua formação musical ainda na juventude, período em que bebeu de um conjunto alargado de referências, desde a música erudita ao rock e ao jazz, até que, aos 18 anos, o conhecimento da música de Edgar Varèse seria determinante para a sua decisão de se tornar compositor. Entre 1974 e 1978 participou nos cursos orientados por Iannis Xenákis, que ampliaram o horizonte dos seus interesses para a matemática e a arquitectura. Ainda em 1977, foi premiado pela Fondation de la Vocation, e em 1981 foi distinguido pela Villa Médici de Roma, onde permaneceu durante dois anos, tendo continuado a receber homenagens ao longo de toda a carreira. A sua primeira ópera, *Roméo et Juliette*, foi composta em 1986, e, reflectindo a sua atracção pela literatura, várias outras se seguiriam, a par de uma grande variedade de música instrumental e orquestral. A sua liberdade inventiva é marcada não só por esse interesse literário, mas também por outras paixões, tais como a filosofia, o teatro, a fotografia, a arquitectura e a morfogénese, que acrescentam diferentes e importantes camadas de significado e de compreensão à sua música singular, absorta, inquieta, áspera e fortemente emocional.

A ideia de compor música para a cena final da *Penthesilea*, de Heinrich von Kleist (1777-1811), foi-lhe sugerida inicialmente pelo musicólogo Harry Halbreich, em 1970. Desde então, segundo o próprio revela, Dusapin ficou

fascinado com a brutalidade do texto, e a ele voltaria décadas mais tarde, convicto acerca da modernidade do tema ali tratado de forma metafórica: o lugar do amor em face dos limites impostos pela lei. Com efeito, a tragédia que o célebre romântico alemão concebeu inspirada no modelo de Eurípides, concluída em 1807 e levada à cena apenas em 1876, apropriava-se da dramática história mitológica de Aquiles e Penthesileia. Após a morte da sua irmã Hipólita, a orgulhosa rainha das amazonas tinha-se lançado em guerra contra os gregos, para demonstrar a coragem do seu povo. No início da peça, a sua confidente revela um segredo: a rainha ama um guerreiro adversário, assim traíndo a lei que determinava que as amazonas só podiam amar um homem que tivessem derrotado. O confronto épico entre Penthesileia e Aquiles tinha culminado na vitória do herói grego, que então a tomou nos braços, ao invés de a matar, movido pela paixão, e quando ela desperta finge ter sido ele o derrotado no campo de batalha. Convencida da sua vitória, a amazona declara-lhe finalmente o seu amor, mas é então feita prisioneira, e a sua paixão logo se torna em fúria. As amazonas invertem o rumo da batalha, libertam-na e rejeitam-na, por ter permitido, inadvertidamente, que o seu povo fosse enganado. Enlouquecida de raiva e dor, aceita o desafio para um último duelo com Aquiles, que este pretende perder para poder ser amado por Penthesileia, de acordo com a lei das amazonas. Mas uma flecha atinge-o mortalmente, e o seu corpo é dilacerado pela Suma Sacerdotisa e pelos cães de guerra. Consumida pela culpa e pelo remorso, a rainha das amazonas implora perdão e junta-se a ele na morte.

Foi sobre este mesmo enredo que Dusapin e Beate Haeckl conceberam um libreto para a ópera *Penthesilea*, composta em 2014

em resposta a uma encomenda do Théâtre de la Monnaie em colaboração com a Opéra National du Rhin, tendo a estreia tido lugar em Bruxelas, a 31 de Março de 2015. Na tradução sonora de estados emocionais tão excessivos como aqueles que estão em causa, o compositor recorre a um âmbito muito alargado de dispositivos musicais. Isso é visível desde logo na grande diversidade de elementos que mobiliza no tratamento das linhas vocais (canto, recitativo, declamação, choro, *Sprechgesang*, ruídos de inspiração e expiração), sempre em tensão com a orquestra, que intervém com grande variedade dinâmica, textural e tímbrica, frequentemente tentando evocar, de uma forma estilizada, os sons de uma Antiguidade imaginária.

Ainda em 2014, o próprio Dusapin extraiu três cenas da sua ópera e agrupou-as numa pequena suite intitulada *Wenn du dem Wind...*, para *mezzo-soprano* e orquestra. Em causa estão o prólogo e as cenas 2 e 4, particularmente representativas do conflito em curso entre o amor e a lei. Nesta espécie de cena dramática em três secções, contando com texto reconstruído a partir da obra original por Beate Haeckl, procurou sintetizar a substância dramática dos três papéis principais (Pentesileia, a sua serva Protoé e a Suma Sacerdotisa), encapsulando-a numa única voz. Isto constituiu um extraordinário desafio composicional para o autor, requerendo igualmente, da parte do intérprete, um apurado sentido dramático. A orquestra fornece sempre um pano de fundo austero e brutal, envolvendo uma escrita sofisticada e interessante em si mesma, que é representativa do quão o mundo sonoro de Dusapin explora ambientes extremos.

O n.º 1, “Sei ruhig, meine Königin”, inicia-se com uma melodia simples e expressiva na harpa, sugerindo o som da antiga lira grega, sobre

os efeitos incomuns de alguns instrumentos graves, que criam uma atmosfera estranha e ameaçadora. A voz apresenta-se com uma certa ternura, para logo depois ficar extenuada, mas subitamente recobra a vitalidade e a emotividade, até que as sonoridades da orquestra se desvanecem em *ppp*. No n.º 2, “Triumph? Von wegen!”, a protagonista mostra-se desde logo exaltada, lidando com emoções violentas e extremas. A linha melódica angulosa ilustra a sua instabilidade psicológica, sendo pontuada por momentos verdadeiramente coléricos, e a orquestra continua a desempenhar um papel muito importante, contribuindo com variadas cores para a caracterização das atmosferas. O n.º 3, “Hetzt Hunde auf ihn!”, abre com a voz plena de raiva e rancor. Perto do final, um derradeiro momento irado dá lugar à última intervenção da harpa, que recupera a melodia simples e expressiva do início da obra, e a música desvanece-se no silêncio.

LUÍS M. SANTOS, 2024*

*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Pascal Dusapin

Wenn du dem Wind...

1.

Sei ruhig, meine Königin.

*Den, der im Kampf vor dir erscheint,
wählst du.*

Dein ewiger Traum ist er.

*Doch ein Verräter ist die Kunst des Schützen
und gibt den Meisterschuss ins Herz des
Glücks.*

*Wenn du dem Wind,
der von den Bergen weht, willst lauschen,
hörst du den Donnerruf der Heerscharen,
gezückter Waffen Klirren, Stampfen, Grollen,
Stahlgewitter, Schlachtgebräus,
des Krieges ganze eherne Stimme.*

2.

Triumph? Von wegen!

Ich ziehe noch einmal ins Feld.

*Zehntausend Sonnen, verschmolzen zu
einem Glutball,
glänzen nicht so hell wie ein Sieg über ihn, ein
einziger!*

*Ich will ihn vor mir liegen, im Staub,
zu meinen Füßen.*

*Das Großmaul hat mir gründlich den
Sieg vergällt.*

*Sein Anblick lähmt mich, als sei ich die
Besiegte, ich!*

*Ich will ihn überwinden, oder nicht mehr
leben!*

Ruhig, sei ruhig!

Ha, verflucht sei dieser Tag!

Geh! Glaubst du, ich folgte einer Laune?

*Was so herrlich begann, so groß,
muss ich zu Ende führen.*

Ficai calma, minha rainha.

Em batalha escolheis aquele que aparece
diante de vós.

Ele é o vosso sonho eterno.

Mas traiçoeira é a arte do atirador,
que crava certo a flecha no coração da
felicidade.

Se quiseres ouvir o vento
que sopra das montanhas,
ouvirás o bramido estrondoso das hostes,
de armas desembainhadas, tilintando,
batendo, rugindo,
qual trovoadas de aço, urros de batalha,
a voz da guerra em toda a sua crueza.

Triunfo? Longe disso!

Volto de novo ao campo de batalha.

Dez mil sóis, fundidos numa bola de fogo,
não brilham tanto como uma vitória sobre
ele, uma única!

Quero-o deitado à minha frente, no pó,
aos meus pés.

O insolente estragou-me por completo
a vitória.

A visão dele paralisa-me, como se fosse eu a
derrotada, eu!

Quero triunfar sobre ele, ou então não mais
viver!

Calma, fica calma!

Oh, maldito seja este dia!!

Vai! Achas que segui um capricho?

O que começou de forma tão maravilhosa,
tão grandiosa, tenho de terminar.

*Du machst mir Angst.
Provoziere ihn nicht noch mehr,
geh ihm aus dem Weg!*

*Genug!
Nur einer hier verdient es, vor mir in den
Staub zu sinken.*

*Mit diesem Gift im Herzen bin
ich machtlos gegen ihn.*

*Ach — Sein Anblick macht mich krank!
Macht krank! Mich krank! Sein Anblick!*

*Er kommt? Ist er's?
Nun denn, auf zur Schlacht!
Ich nur, ich weiß den Göttersohn zu fällen.
Den schöngefärbten Vogel hol' ich mir
herunter vom Himmel,
und liegt er mit geknickten Flügeln
mir zu Füßen,
dann, oh dann ...*

Oh! Ich nur, ich kann ihn fällen!

Mir zu Füßen!

Mir zu Füßen!

Wir, wir beide — Sieg oder Tod.

Tu assustas-me.
Não o provoques ainda mais,
desvia-te do seu caminho!

Chega!
Só um aqui merece afundar-se no pó,
à minha frente.

Com este veneno no coração,
fico impotente perante ele.

Oh — só de o ver fico doente!
Fico doente! Põe-me doente! A visão dele!

Ele vem? É ele?
Bem, então, vamos ao combate!
Só eu sei como derrubar o filho dos deuses.
Farei cair o belo pássaro colorido de lá de
cima dos céus,
e quando ele, de asas partidas, estiver caído
a meus pés,
então, oh então...

Oh, só eu o posso derrubar!

Aos meus pés!

Aos meus pés!

Nós os dois — vitória ou morte.

3.

*Hetzt Hunde auf ihn!
Nieder mit dem Kraftprotz!
Ist's meine Schuld?
Erkämpfen muss ich seine Liebe
auf dem Schlachtfeld.
Will ich ihn töten?
Nein, ich will ihn an mich ziehen.*

Ich rede wirr.

Ich Unglückselige!

Ich phantasier' im Fieber.

*Ach, meine Seele,
meine Seele ist matt bis in den Tod!
(sich wieder fassend)
Lasst ihn nur kommen!
Soll er den Fuß auf meinen Nacken setzen,
mich schleifen hinter sich im Staub,
meinen geschundenen Leib den Hunden
vorwerfen zum Fraß ...
Mir soll es recht sein!
Alles, nur keine Frau sein,
für die ein Mann sich nicht entflammt.*

*Weg mit dem verdammten Klunker!
Verfluchter Schmuck, die Pest auf eure
Höllenkünste!
Die Pest! Höllenkünste!*

*Schwesterherz! Ich bin verloren!
Ich bin verloren!*

Du Strahlender! Mein Leben!

Schmerzen, Schmerzen, Schmerzen ...

Was kann ich tun für mich?

*Nichts, nichts, nichts.
Wenn ich zur Flucht mich noch entschließen
könnte
— wenn ... wie?
Was dann?*

Aticem-lhe os cães!
Abaixo o homem forte!
A culpa é minha?
Tenho de lutar pelo seu amor
no campo de batalha.
Quererei matá-lo?
Não, quero atraí-lo para mim.

Estou confusa.

Eu, desafortunada!

Estou em delírio.

Ai de mim, a minha alma,
a minha alma está ferida de morte!
(recuperando a postura)
Deixem-no vir!
Ele que ponha o pé no meu pescoço,
que me arraste atrás dele no pó,
que atire o meu corpo maltratado aos cães
para que me devorem...
Já não me importo!
Tudo menos ser uma mulher
que não acende a paixão de um homem.

Fora com o danado diamante!
Artefactos malditos, rogo praga às vossas
artimanhas infernais!
A praga! Artimanhas do inferno!

Querida irmã! Eu estou perdida!
Eu estou perdida!

Meu brilhante! Minha vida!

Dor, dor, dor...

O que posso fazer por mim?

Nada, nada, nada.
Se eu ainda conseguisse decidir-me
a escapar
— se... como?
E depois?

*Ich ruh mich aus, pfleg meine Wunden,
dann nehm ich den Krieg wieder auf.*

*Wenn ich es könnte — ! Wenn —
Das Spiel ist aus, ich muss begreifen —*

Nicht doch, mein süßes Herz! Glaube das nicht!

*Ach, es macht mich rasend!
Könnst' ich mit weit gespreizten Flügeln
rauschend die Lüfte teilen!*

*Zu hoch, zu hoch —
Er zieht weit, weit entfernt
die Flammenkreise um mein Herz.*

(exaltiert)

Komm, gib mir deine Hand!

Eines noch:

*Den Berg dort auf den andern wälzen
und oben auf dem Gipfel stehen, ruhig, bloß.*

Und dann?

*Bei seinen goldenen Flammenhaaren ihn zu
mir herunterziehen —*

Den Strahlenden!

Da liegt er mir zu Füßen! Nimm mich —

Ich Unglückliche!

Schickt tausend Pfeile über ihn!

Schießt! Schieß!

Doch Vorsicht, dass ihr ihn nicht tödlich trefft!

— Heinrich von Kleist (1777-1811)

Descanso então, trato das minhas feridas,
e depois retomarei a guerra.

Se eu pudesse — ! Se —
O jogo acabou, tenho de perceber —

Não, meu doce coração! Não acredites nisso!

Oh, isto deixa-me louca!
Se eu pudesse abrir bem as minhas asas
e voar rasgando os céus!

Demasiado alto, demasiado alto —
Ele traça de longe, de muito longe
os círculos de chamas à volta do meu
coração.

(exaltada)

Vem, dá-me a tua mão!

Mais uma coisa:

Rolar a montanha para cima da outra
e subir ao topo, calma, simplesmente.

E depois?

Puxá-lo cá para baixo para mim pelos seus
cabelos dourados e flamejantes —

O brilhante!

Ali jaz ele aos meus pés! Leva-me —

Eu, desafortunada!

Atirem-lhe mil flechas!

Atirem! Atirem!

Mas cuidado para não o atingirem
mortalmente!

Bastien Stil direção musical

Verdadeiramente moderno e multifacetado, Bastien Stil destaca-se como maestro através da sua interpretação precisa e dedicada de repertórios sinfónicos e líricos. Na temporada 2023/24, estreou-se na direção da Orquestra Filarmónica de Roterdão, na Orquestra da Suíça Romanda e na Orquestra Nacional do País do Loire.

É convidado regularmente por grandes orquestras (a Filarmónica da Radio France, o Ensemble intercontemporain, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, as orquestras nacionais de Bordéus, do Capitólio de Toulouse e de Lille, a Filarmónica de Monte Carlo, a Orquestra de Concerto da BBC, etc.) para repertórios que se estendem dos clássicos às composições contemporâneas. Aborda ainda projetos de cruzamento de géneros musicais e bandas sonoras de filmes, tanto em concerto como em gravações para exibição em cinema.

Stil dirigiu estreias e gravações de composições de Raphael Cendo, Bastien David, Olga Neuwirth, Sasha Blondeau, François Meïmoun, Vasco Mendonça, Pedro Amaral e David Hudry, bem como tributos sinfónicos a Philippe Sarde, Michel Legrand, John Williams e Maurice Jarre, trabalhando com Wayne Shorter, Avishai Cohen, Stacey Kent, Lizz Wright, Magma, Jaz Coleman, Marcus Roberts, Philippe Lavilliers, Arthur H e Philippe Katerine. Foi também maestro associado de produções no Théâtre Marigny/Jean-Luc Choplin em 2019 (*Funny Girl*, *Guys and Dolls*), em colaboração com Stephen Mear e artistas de renome do West End de Londres e da Broadway, como Ria Jones e Christina Bianco.

As edições discográficas são igualmente representativas da carreira que tem desenvolvido. À frente da Orquestra Nacional da Ucrânia,

interpretou a Sinfonia n.º 1 de Chostakovitch e o Concerto para violino de Chesnokov, com Sarah Nemtanu como solista (Klarthe Records, 2018). A gravação de *The Forgotten City*, de David Hudry, com o Ensemble intercontemporain conquistou o Prémio Fundação Siemens 2017. Com a Ópera de Rouen-Normandia, dirigiu a abertura e árias de *O Rapto do Serralho*, e música de Haydn com Matilda Lloyd (NoMad Music, 2018-2019). Em 2016, foi editado pela Indésens o álbum *Soviet Trumpet Concertos*, em que colabora com a Orquestra Sinfónica de Moscovo, Thierry Gervais e Eric Aubier.

Depois de, em 2001, concluir com distinção os estudos no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, Stil desenvolveu um percurso profissional intenso com várias orquestras parisienses, em contacto com os grandes maestros da atualidade (Abbado, Chung, Jaarvi, Eschenbach, Svetlanov, Mutti, Boulez...). Em 2010, tomou a decisão de se dedicar exclusivamente à direção de orquestra, tendo aprofundado conhecimentos com Neil Thomson (Royal College of Music) e John Farrer (Estados Unidos da América). Em simultâneo, obteve formação em repertório lírico na Ópera de Rouen-Normandia, na qualidade de assistente de Antony Hermus.

Em 2018, Bastien Stil foi premiado no I Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Bucareste.

Christel Loetzsch meio-soprano

Christel Loetzsch afirmou-se no panorama musical enquanto intérprete versátil, destacando-se tanto na ópera clássica, como na contemporânea. A presente temporada levou-a pela primeira vez ao Festival de Lausitz, onde interpretou a ópera *Julie* de Philippe Boesmann ao lado da Orquestra Sinfónica de Hamburgo, sob a batuta de Sylvain Cambreling. Regressou a La Monnaie em Bruxelas para a nova produção de Romeo Castellucci de *O Anel do Nibelungo*, nos papéis de Flosshilde (*O Ouro do Reno*) e Rossweisse (*A Valquíria*).

Durante a temporada de 2022/23, foi Flosshilde (*O Ouro do Reno* e *Crepúsculo dos Deuses*) e Schwertleite (*A Valquíria*) com a Filarmónica de Dresden sob a direção de Marek Janowski, tendo ainda feito a sua estreia no Teatro di San Carlo em Nápoles, enquanto Schwertleite. Das interpretações notáveis de Christel Loetzsch, nota para as participações em *Pierrot Lunaire* de Arnold Schoenberg, com a Filarmónica de Dresden; *O Imperador da Atlântida* de Viktor Ullmann, com a Orquestra da Rádio de Munique; *O Ouro do Reno*, como Fricka, no Bühnen de Berna; *A Mulher sem Sombra* na Ópera de Frankfurt; e *Il Viaggio, Dante*, de Pascal Dusapin, no Festival d'Aix-en-Provence.

Em novembro de 2020, Loetzsch interpretou Penthesilea na ópera homónima de Dusapin na Philharmonie em Paris, e recebeu de imediato um novo convite para cantar *Le soleil des eaux* de Pierre Boulez. Em 2019, fez a sua estreia em La Monnaie para a primeira audição mundial de *Macbeth Underworld*, de Pascal Dusapin, e vestiu a pele de Fricka (*O Ouro do Reno* e *A Valquíria*) no Landestheater da Baixa Baviera.

Trabalhou com maestros como Christian Thielemann, Omer Meir Wellber, Kent Nagano, Patrick Hahn, Dan Ettinger, Constantin Trinks, Daniel Oren, Nicola Luisotti e Alain Altinoglu, entre outros.

No início da sua carreira, entre 2012 e 2014, foi membro do Programa Jovens Artistas da Semperoper de Dresden, antes de se juntar ao ensemble do Theater & Philharmonie Thüringen, onde esteve de 2015 a 2018. Em 2013, pisou pela primeira vez o palco da Ópera de São Francisco para cantar Dorabella (*Così fan tutte*). Estreou-se na Arena di Verona em 2012, como Zerlina, numa produção de *Don Giovanni* assinada por Zeffirelli.

Christel Loetzsch estudou canto em Weimar, Milão e Leipzig.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos *Räsonanz*, apresentados pelo ciclo *Musica Viva* da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
José Despujols
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Maria Kagan
Andras Burai
Tünde Hadadi
Jorman Hernandez*
Raquel Santos*
Joana Machado*
Flávia Marques*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Mariana Costa
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Margarida Campos*

Viola

Mateusz Stasto
Luís Norberto Silva
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Hazel Veitch
Jean-Loup Lecomte
Catarina Gonçalves*
Cristiana Barreiro*
Carolina Palha*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Fernando Costa*
João Cunha
Michal Kiska
Hrant Yeranossyan
Aaron Choi
Sharon Kinder
Tiago Mendes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Slawomir Marzec
Altino Carvalho
Francisco Osório*

Flauta

Alexander Auer
Ana Pinho
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Gergely Suto
Ricardo Alves*

Fagote

Cândida Nunes
Robert Glassburner

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Alexandre Rodrigues*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé
Bruno Costa

Percussão

Bruno Costa
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

Cimbalão

Manuel Campos*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virginia Esteves

Palco

Carlos Almeida
Rui Brito

Próximos concertos

16 DOMINGO 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Por Favor, Maestro

serviço educativo | primeiros concertos

António Miguel e Paulo Neto direção artística

19 QUARTA 21:30 SALA SUGGIA

Toquinho 60 anos de carreira convida Camilla Faustino

19 QUA 21:30 ESPLANADA

Academia Valentim de Carvalho

20 QUI 21:00 SALA SUGGIA

Rui Massena apresenta 4.º álbum de originais

promotor: Welcome Music

20 QUI 21:30 ESPLANADA

Tontos

20 QUI 22:00 PRACETA NASCENTE DO ARRÁBIDASHOPPING

Arrábida Sinfónica

Coro Infantil Casa da Música

António Miguel Teixeira, Dalila Teixeira, Duarte Cardoso, Ivo Brandão, Joana Leite Castro e Luísa Matos direção musical e arranjos instrumentais

Henrique Apolinário narração

Coro Infantil Escolas interpretação

Sarah Baker *Change the World Together*

21 SEX 22:00 ESPLANADA

Melo D

21 SEX 22:00 PRACETA NASCENTE DO ARRÁBIDASHOPPING

Arrábida Sinfónica

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Bastien Stil direção musical

Obras de **Richard Wagner, Nicolai Rimski-Korsakoff, Maurice Ravel, Erich Korngold, John Williams e Hans Zimmer**

23+30 DOMINGO 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e Sofia Nereida formadores

23 DOM 16:00 SALA SUGGIA

Conservatório de Música de Barcelos

promotor: Conservatório de Música de Barcelos

23 DOM 22:00 CAIS DE DESCARGA

Concertos de São João

José Pinhal Post-Mortem Experience

Hipster Pimba

Pop'lar

26 QUA 21:30 ESPLANADA

Escolas vocacionais de música

27 QUI 21:30 ESPLANADA

Almério & Martins

28 SEX 18:00 SALA 2

Festival Affettuoso

promotor: Escola de Música de Vilar do Paraíso

28 SEX 21:00 SALA SUGGIA

Concurso Internacional Santa Cecília

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Martin André direção musical

28 SEX 22:00 ESPLANADA

Patinho Feio

30 DOM 17:30 SALA SUGGIA

A Pauta

promotor: Associação Academia de Música Suzuki

0.5%
DO SEU
IRS
POR UMA
BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, selecione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

